Globethics Repository



Por uma retomada da economia política [For a resumption of political economy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Paulani,Leda Maria
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-17 01:13:20
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162472

Por uma retomada da economia política

Entrevista com Leda Maria Paulani

Embora o governo de Lula não possua um modelo de desenvolvimento e tenha um crescimento econômico na casa dos 4%, é muito provável que Lula se reeleja. Segundo Leda Maria Paulani, professora associada do Departamento de Economia da FEA-USP e da Pós-Graduação em Economia do IPE-USP, Lula faz uma política de renda compensatória que faz a diferença nas classes mais populares.

Leda é presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e autora de ***A Nova Contabilidade Social***. São Paulo: Saraiva, 2000 e ***Modernidade e Discurso Econômico***. São Paulo: Boitempo, 2005. Leda também é doutora em Teoria Econômica pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, IPE-USP, com a tese intitulada ***Do Conceito de Dinheiro e do Dinheiro como Conceito***, 1992.

A Prof.º Dr.º Leda Maria Paulani esteve na Unisinos dia 23 de junho de 2005, convidada pelo IHU, participando do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia.** Na ocasião, a professora abordou o tema *A utopia de um novo paradigma para a economia*, com base em Karl Marx. Sobre o tema de sua explanação, Leda Paulani concedeu uma entrevista na 146º edição da ***IHU On-Line***, de 20 de junho de 2005. O tema também originou a publicação do *Caderno IHU Idéias* número 41, de 2005, intitulado ***A (anti) filosofia de Karl Marx***.

A entrevista a seguir foi concedida por telefone.

***IHU On-Line* - Quais as relações que existem entre modernidade e discurso econômico?**

Leda Maria Paulani – Primeiro precisamos entender o que chamamos de modernidade. Modernidade é o nome que se dá ao tipo de sociedade na qual vivemos hoje. Uma sociedade bastante dinâmica tecnologicamente e organizada pelo mercado. Este tipo de sociedade nasceu no Ocidente lá pelos séculos XV e XVI e revolucionou toda a forma de vida das pessoas na Europa. Isso é o que chamamos de modernidade. Modernidade não porque seja contemporânea, porque neste sentido todas as sociedades seriam modernas. Dá-se o nome de modernidade porque esta sociedade é constituída por um ímpeto permanente de transformação. E o discurso econômico tem a ver com o surgimento

da ciência econômica. Considera-se o nascimento da ciência econômica a partir da publicação do livro de Adam Smith[84] em 1776, ***A riqueza das nações***. Este tipo de discurso, que não existia e que nasce nesta nova sociedade, tem uma série de características e contradições que vai enfrentando ao longo do tempo. No meu livro, ***Modernidade e Discurso Econômico*** procuro fazer esta trajetória, mostrando a relação entre esses dois termos por meio de alguns autores que escolho. Esses autores são fundamentais para a constituição da ciência econômica tal qual a conhecemos hoje.

IHU On-Line **- Como caracterizaria o modelo de desenvolvimento que o Brasil está seguindo?**

Leda Maria Paulani – Eu não chamaria de modelo de desenvolvimento, simplesmente porque há um mínimo desenvolvimento. No entanto, digamos assim, o modelo de gestão do Estado e o modelo de gestão da economia, no sentindo de política econômica, é um modelo neoliberal. É uma gestão neoliberal do Estado e uma condução neoliberal da política econômica. Eu não consigo chamar isso de modelo de desenvolvimento, porque desenvolvimento seria outra coisa.

Conceito de desenvolvimento

Seria, no mínimo, recuperar a trajetória de crescimento do País, que o Brasil apresentou entre 1930 e 1980. O Brasil foi nesta época o país que mais cresceu no mundo, ao longo de 50 anos, com exceção, por um período, do Japão. O professor Reinaldo Gonçalves[85] da UFRJ tem dados que mostram isso. O Brasil tem uma vocação para o crescimento e só saiu fora dessa trilha por escolhas de políticas econômicas que foram sendo feitas. Lógico, tivemos crises nos anos 1980, mas já era tempo de retomar um outro caminho. Lula foi eleito, dentre outros motivos, para mudar esse modelo de gestão do Estado e de condução da política econômica. Entretanto, ele não fez isso.

IHU On-Line **– A senhora concorda que o Presidente Lula tem um modelo de gestão orientado ao consumo das classes mais populares?**

Leda Maria Paulani – Digamos que o governo Lula se acomodou em um modelo de gestão do Estado e de condução da política econômica que faz o seguinte: o País cresce mediocremente, não passa de 4%, o que é ridículo porque a média histórica do País foi de 6,6% de crescimento, teve anos que chegou a 11%, 12%, mas enfim cresce mediocremente, concentra a renda. Os dados que dizem ter a distribuição de renda melhorado são enganosos, porque não é possível não concentrar a renda, pagando anos a fio de 7%, 8% do PIB de juros. Então,

---

[84] **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. ***A Riqueza das Nações***, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia.** No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à ***IHU On-Line*** número 133, de 21 de março de 2005. (Nota da ***IHU On-Line***)

[85] Reinaldo Gonçalves é economista, professor da UFRJ, doutor em Economia pela University of Reading, diretor da Sociedade Brasileira de Economia Política e da Associação Nacional de Cursos de Graduação em Economia. Reinaldo concedeu entrevista à ***IHU On-Line*** na edição 176 do dia 17 de abril de 2006. (Nota da ***IHU On-Line***)

diante desses fatores, nos perguntamos por que o povo vai votar nele? Porque ele faz uma política de renda compensatória que custa barato ao Estado e faz diferença para as classes mais populares. A questão é a seguinte: isso não leva a lugar nenhum. Só se podem dar perspectivas para essas populações se houver um projeto de desenvolvimento. O governo Lula se viu confrontado, ou seguiria o projeto que caracterizou a postura do PT ao longo de um bom período, que seria transformar essas políticas todas, ou se acomodaria? Preferiu se acomodar. Com isso colocaria menos em risco o poder que finalmente conseguiu. Deu certo, de uma certa forma, visto que houve uma coincidência de um período muito bom no plano das finanças e do comércio internacional. A política de renda compensatória faz o papel de amortecer os contrastes, porém sem resolver problemas e dar perspectivas, e pior que isso: transformando toda essa enorme população em clientes do Estado.

***IHU On-Line* – Como a senhora avalia a política externa do governo Lula, principalmente sua relação com a América Latina?**

Leda Maria Paulani – A política externa do governo Lula é uma expressão da contradição que permeia esse governo. É muito claro que o governo fez a opção por uma política conservadora, e isso está expresso na forma como Lula conduziu o Ministério da Fazenda e o Banco Central, basicamente. É um enorme choque entre o que o PT pregou ao longo de 20 anos e o que, efetivamente, foi feito quando assumiu a Presidência. O embaixador Samuel Pinheiro Guimarães Neto é um sujeito conhecido justamente por ter sido um crítico feroz da política do governo Fernando Henrique Cardoso e o Samuel continuou num posto chave dentro da política externa do governo Lula, então ficou esta política absolutamente contraditória. De um lado, o governo tenta unir os subdesenvolvidos no sentindo de enfrentar o poderio que vem dos países desenvolvidos, particularmente dos EUA, mas, de outro lado, o governo faz uma política econômica favorável aos interesses desses países.

América Latina

Eu estive na Venezuela na época do Fórum Social, em janeiro e percebi que, para Hugo Chávez, é fundamental que a população daquele país pense que o governo Lula é um governo transformador, porque estrategicamente é importante manter essa aparente onda de esquerda. Pessoas que eram impensáveis na Presidência da República, estão assumindo o poder: Evo Morales, Lula, Michelle Bachelet... No seu imaginário mais raso, a população associa todos, como se jogassem no mesmo time. Para Chávez é fundamental, porque ele está, e não precisamos entrar em consideração se é correto ou não, afrontando claramente o governo do George Bush. Então Chávez não pode passar a imagem de que ele está sozinho na América Latina fazendo isso. De fato, a relação do Brasil com a Venezuela foi muito complicada. Os governos não se apoiaram muitas vezes, mas têm que aparentar uma relação tranqüila. Muita gente diz que o governo Lula não pode ser caracterizado como conservador, porque na política externa está fazendo o que o FHC já deveria ter feito, que é colocar o País como um líder e juntar as forças da América Latina para confrontar os interesses dos países desenvolvidos. Eu não acho que o Brasil fez isso.

***IHU On-Line* – A reflexão sobre a atualidade da economia política começa por onde?**

Leda Maria Paulani – Economia política foi o nome que a ciência econômica teve quando nasceu. A economia perde este adjetivo de "política" no final do século XIX, particularmente, com a publicação do livro do Alfred Marshall[86] em 1890, ***Princípios de Economia.*** A perda deste adjetivo "política" que caracterizava a economia está relacionada com uma grande transformação pela qual passa a ciência econômica. As classes sociais, por exemplo, deixam de existir como variáveis para o novo paradigma que nasce.

SEP - Sociedade Brasileira de Economia Política

Nós, no Brasil, quando criamos esta Sociedade Brasileira de Economia Política, a SEP, em 1996, fizemos isso, porque percebemos uma investida muito forte do pensamento ortodoxo na economia da academia, de modo que o espaço para reflexão e pensamento crítico estava ficando restringido. Então criamos um espaço alternativo que é a SEP. Todo o ano, no feriado de *Corpus Christi,* fazemos um grande encontro para discutir alternativas e novos padrões. Este último, que foi em Vitória, entre os dias 13 e 16 de junho de 2006, teve a participação de mais 500 pessoas. È um encontro com o objetivo de oportunizar a apresentação de trabalhos, todos tendo como ponto comum a crítica ao pensamento convencional. Estamos fazendo análises sem esquecer que a economia não pode ser pensada de modo puro. A SEP tem 10 anos e foi uma iniciativa vista de modo jocoso por outras pessoas. Junto com economistas de esquerda da Argentina e do Uruguai e outras pessoas que querem mudar, fundamos, em outubro de 2005, a Sociedade Latino-Americana de Economia Política e Pensamento Crítico.

Então se alguém me pergunta por onde deve começar a reflexão sobre a atualidade da economia política, eu diria que o ponto básico de tudo é que não dá para pensar a economia como uma ciência que se basta a si mesma. Só conseguimos entender a natureza efetiva dos fenômenos econômicos e apontar saídas e perspectivas se entendermos a natureza das variáveis que estão por trás deste fenômeno.

***IHU On-Line* – O que pode acontecer nas próximas eleições?**

Leda Maria Paulani – Parece evidente que Lula vai se reeleger e acho que no primeiro turno, a não ser que apareça algo imprevisível. Até porque o candidato de oposição, o Geraldo Alckmim, é muito ruim. Ele não tem apelo popular. A Heloisa Helena do PSOL tem todo o meu apoio e vou votar nela, mas sei que as chances dela são pequenas.

[86] **Alfred Marshall** (1842 - 1924) nasceu em Londres, Inglaterra, e tornou-se um dos mais influentes economistas de seu tempo. Seu livro, ***Princípios de Economia*** (*Principles of Economics*), procurou reunir num todo coerente as teorias da oferta e da demanda, da utilidade marginal e dos custos de produção, tornando-se o manual de economia mais adotado na Inglaterra por um longo período. (Nota da ***IHU On-Line***)